



## FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO CORPORAL EM PLATÃO

Rafael Ferreira Pureza de Oliveira<sup>1</sup>  
Elson dos Santos Gomes Junior<sup>2</sup>  
Marcos Felipe Medeiros de Souza<sup>3</sup>

### RESUMO

O conceito de corpo, em Platão, encontrou indiscutível centralidade por estar associado à própria teoria do conhecimento deste filósofo. Platão elaborou uma análise que condicionou a existência na diferenciação entre a essência e a aparência, neste sentido, sua ontologia se baseia nesta distinção que, segundo ele, separa o conhecimento do engano. No primeiro, o acesso à essência conceitual e imutável das coisas. No segundo, a imagem, a cópia do mundo ideal. Justamente neste último que se encontra o corpo. Assim, em Platão, educação envolve o aprimoramento da alma para além do sensitivo. Neste sentido, discutir tal relação se faz atual, principalmente, pelo fato de se encontrar historicamente no cerne de disputas morais pela legitimação do uso do corpo. Por isso, este trabalho objetiva apresentar a relação entre corpo e educação em Platão, como forma de entender os fundamentos normativos de tal relação. O percurso metodológico seguido foi o de análise bibliográfica envolvendo obras do autor e de comentadores de referência. Os resultados de tais análises apontam que em Platão encontramos uma robusta fundamentação a respeito das relações restritivas do corpo. Sua filosofia se fez como base para a sistematização de uma educação corporal que negou suas potencialidades. Além disso, com o advento do cristianismo e a apropriação da filosofia platônica como base para fundamentação teológica, essa concepção de corpo foi absorvida pelo ocidente cristão em sua gramática cultural. Desta forma, além de fonte de engano e de aprisionamento da alma, o corpo passou a ser visto como fonte do pecado.

**Palavras-chave:** Corpo, Teoria do Conhecimento, Educação, Cristianismo.

### INTRODUÇÃO

O conceito de corpo encontra-se presente em muitos filósofos considerados clássicos no debate educacional. Por se tratar de uma das “dimensões” (SCHELER, 2008) constitutivas do ser humano, tanto na antiguidade como na contemporaneidade, obteve a atenção de sistemas filosóficos, religiões, teorias políticas, movimentos sociais e, entre estes, propostas educacionais.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Curso de Humanidades e Artes com Menção em Ciências da Educação pela Universidade Nacional de Rosario – UNR, Professor do Instituto Federal Fluminense Campus Santo Antônio de Pádua, [rafael.pureza-oliveira@iff.edu.br](mailto:rafael.pureza-oliveira@iff.edu.br);

<sup>2</sup> Mestre pelo Curso de Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Professor do Instituto Federal Fluminense Campus Santo Antônio de Pádua, [elsonuenf@yahoo.com.br](mailto:elsonuenf@yahoo.com.br);

<sup>3</sup> Mestre pelo Curso de Modelagem Computacional em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Professor do Instituto Federal Fluminense Campus Santo Antônio de Pádua, [marcos.souza@iff.edu.br](mailto:marcos.souza@iff.edu.br);



Assim, tratar da relação entre educação e corpo, acima de qualquer “modismo”, significa dar atenção a uma existência que, atualmente, encontra-se entre o tratamento mais universalista e massificado (ADORNO, 1995) e, por outro lado, em litígio com movimentos sociais de gênero, disputas religiosas, questões bioéticas e outros campos de conflitos altamente disputados e espinhosos.

O corpo, deste a Antiguidade, ainda é uma das principais formas de imposição normativa e de controle nas relações sociais (FOUCAULT, 1985), uma vez que, impõe ao indivíduo papéis políticos, matrimoniais, sexuais, morais e de gênero. Além disso, diante da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), necessita atender a uma série de quesitos relacionados à educação corporal (como exemplo, pode-se citar o controle da força; a dominação do corpo; o sofrimento somático corporal).

Quando buscamos no âmbito educacional fundamentos para melhorar a qualidade de vida isto se faz, justamente, pela sua importância e capacidade na contribuição do “cuidado de si” de Foucault (1985). Um cuidado que não pode ser apenas exterior, mas sim, que contemple uma totalidade ontológica, um “ser” que seja vislumbrado tanto em termos “essenciais” quanto em termos “sensitivos” (REALE; ANTISERI, 2007). Por isso, no que concerne a este debate, o pensamento platônico encontra-se tão atual.

Outro fator que corrobora a necessidade de visita à Platão encontra-se no fato de que sua filosofia apresenta as bases e os fundamentos, apropriados pela teologia cristã, de todo aparato normativo ocidental concernente ao corpo (REALE; ANTISERI, 2007). Neste sentido, perscrutar a obra platônica significa identificar os fundamentos de uma educação corporal que se faz presente a milênios, e possibilita uma tomada de consciência das motivações educativas, morais e éticas que são socializadas e ensinadas sobre o corpo.

Ademais, longe de qualquer crítica descomprometida, a tomada de consciência a respeito das motivações educacionais concernentes ao corpo torna-se uma forma de educar com sentido, apresentando as bases que norteiam as ações e o desenvolvimento de certos papéis sociais. Igualmente, o educando aprende, além dos cuidados essenciais e os exercícios fundamentais de cuidado com o corpo, as bases motivacionais do que lhe é cotidianamente requisitado (BOURDIEU, 2012; FOUCAULT, 1985).

Neste sentido, este trabalho apresenta os fundamentos da educação corporal em Platão como forma de salientar dois pontos importantes. O primeiro se refere aos pilares da filosofia platônica da educação e sua importância para a reflexão a respeito da educação corporal. O segundo se refere às bases sobre as quais muitos grupos sociais norteiam atualmente o papel do corpo e, assim, como a educação corporal pode ser complementada através de uma tomada



de consciência que envolva a fundamentação crítica de práticas e costumes, além de uma educação com sentido.

## **METODOLOGIA**

A metodologia usada será a análise crítica dos textos selecionados para a discussão da temática (PLATÃO, 2010; 2014; 2015). Além disso, foram utilizados autores considerados referências para complementar a investigação desenvolvida neste trabalho (JAEGER, 2013; REALE, 2007; CHAUI, 2002; SANTOS, 2012). Neste sentido, a metodologia será centrada na análise das citadas obras do filósofo escolhido e de pesquisa bibliográfica.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O presente trabalho faz uma análise pautada em obras que contribuíram para o conhecimento e desenvolvimento da filosofia da educação de Platão. Entre os principais representantes da tal proposta, encontra-se Werner Jaeger e o estudo da “Paideia” grega. Nesta obra, o autor apresenta o conceito de “formação” como norteador de sua análise a respeito da educação grega e, mais precisamente, da filosofia platônica.

Com Chauí (2002), esta mesma filosofia foi confrontada com críticas mais atuais (de mundo marxista) com o intuito de alertar a respeito da historicidade do tema proposto. De tal modo, apesar de nos determos a relação entre educação e corpo na obra de Platão, não podemos perder de vista o significado atual deste debate e a dimensão crítica de uma análise que, apesar de remeter à Grécia Antiga, no conecta diretamente com os desdobramentos do presente em uma sociedade capitalista, burguesa e de produção de massa.

Isso conduziu nossa análise a um percurso explicativo que acentua as questões importantes para a temática tratada, principalmente, quando dedicamos parte de nossa análise à dimensão epistemológica de Platão (SANTOS, 2012). Nisto, mais do que evidenciar os pilares de sua teoria do conhecimento, nos importa saber como aplicar, no conjunto do processo educativo, este conhecimento com o fito de desenvolver uma ação pedagógica com sentido e tomada de consciência a respeito do corpo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Teoria do Conhecimento**



Uma das grandes contribuições de Platão encontra-se na sua teoria do conhecimento, uma vez que, estabeleceu bases epistêmicas para que o mesmo pudesse ser construído. Enquanto discípulo de Sócrates, percebeu que o conhecimento estava dentro de cada um, assim, para acessá-lo, se fazia necessário o confronto baseado em perguntas que serviam como uma espécie de decantamento (JAEGER, 2013) e que Sócrates chamou de “maiêutica” (parto de ideias).

Ao se afastar da proposta socrática, Platão se dedicou a elaborar uma teoria do conhecimento que, segundo Reale e Antiseri (2007, p. 146), pela primeira vez, foi apresentada “com toda a sua grandeza”. Para tanto, no diálogo *Mênon* (PLATÃO, 2010) salienta, em uma de suas primeiras respostas a respeito do tema, o caráter duplo do conhecimento, ou seja, o mítico (doutrinas órfico-pitagóricas) e o dialético (a experiência maiêutica).

Uma das motivações que contribuíram para seu afastamento da maiêutica socrática foi sua observação a respeito da preponderância da opinião e dos equívocos durante o processo. Com isso, na República, Platão (2014) apresenta uma interpretação do conhecimento como proporcional ao “Ser” (REALE; ANTISERI, 2007). Nesta perspectiva, quanto mais próximo do ser, mais este estaria distante dos enganos.

Esta interpretação se faz lógica quando salientamos que o “Ser” em Platão encontra-se em uma condição de existência absoluta, imutável, incorruptível, único e, por isso, verdadeiro. Para ele, existe uma gradação entre “Ser”, “mundo sensível” e o “não-ser” (SANTOS, 2012), onde a posição intermediária também expressa uma possibilidade intermediária de conhecimento. No entanto, esse conhecimento é falho e enganoso, abrindo categorias como “opinião”, “imaginação” e “crença”. Segundo Reale e Antiseri (2007), estas categorias também se desdobram, demonstrando uma dimensão de movimento e/ou percurso onde:

Platão especifica ainda que tanto a opinião (*dóxa*) como a ciência (*epistéme*) realizam-se em dois graus: a opinião se divide em simples imaginação (*eikásia*) e a crença (*pístis*), enquanto a ciência se desdobra em ciência intermediária (*dianóia*) e em inteligência pura (*noésis*). A cada grau ou forma de conhecimento correspondente um grau ou forma de realidade e de ser (REALE; ANTISERI, 2007, p. 148).

Esta construção epistemológica conduziu Platão ao repúdio de tudo que pudesse ser considerado imitação ou cópia do “Ser”, portanto, por exemplo, concebeu a arte como uma forma de deseducação do homem uma vez que esta manifesta-se através de uma evidente “cópia”. Para ele, considerando que o mundo sensível é uma cópia do mundo das “formas”



(REALE, 2007), a arte se manifesta como cópia da cópia, uma vez que ela se apropria de imagens de um mundo sensível que já são cópias do mundo das “formas”.

Sua crítica a respeito do potencial educativo da arte ou da poesia não significou a condenação de toda habilidade criativa humana, pelo contrário, ele reconheceu que poderiam ser úteis para o desenvolvimento humano, desde que, se subjugassem a filosofia. Segundo Santos (2012), Platão se preocupou com o desenvolvimento do conhecimento como uma “capacidade” onde:

Ontoepistemologicamente a tese afirma que só o exercício do “pensamento”, do “raciocínio” e do “cálculo” permitem captar esse tipo de entidades – caracterizadas como perfeitas, eternas e imutáveis (*Banquete* 210<sup>a</sup>-d) –, que o texto refere pelo termo “Formas” (ou “ideias”: *eidê*), das quais apresenta exemplos. A íntima associação da ontologia à epistemologia pretende evitar a irrupção de dois problemas para nós distintos, porém, fundidos no argumento platônico: por um lado, o da “existência” das Formas, por outro, o do seu modo de captação (levado a cabo pelo pensamento ou através da sensibilidade) (SANTOS, 2012, p. 61).

Desta maneira, Platão delimitou as dimensões do conhecimento e a forma adequada de obtê-lo, sendo necessário um movimento de ascese que coloque o sujeito acima de qualquer engano (PLATÃO, 2014). Esta tomada de consciência faz distinção, em termos de conhecimento, entre o sol e a escuridão, entre o ser e o não-ser, entre a verdade e o engano. Desta forma, buscou estabelecer novas bases que, no entanto, tinham o mundo sensível como um de seus contrapontos e onde encontra-se justamente o corpo.

Quando trata da existência humana como biológico, corporal e sensível, Platão, ao contrário de recentes valorizações desta “dimensão” (SCHELER, 2008), enfatiza que esta abriga uma condição que tende, por sua própria constituição, ao engano e a confusão. O corpo foi posto em uma posição intermediária na ascese platônica, contudo, em condições pouco melhores que o “não-ser”.

### **Platão e o Conceito de Corpo**

Para o entendimento do conceito de corpo em Platão, retornaremos a sua concepção dualista do homem, ou seja, a divisão entre corpo e alma que, como citado anteriormente, nos remete a sua teoria do conhecimento e equivale respectivamente aos conceitos de “sensível” e “supra-sensível”. Assim, vale ressaltar que o corpo, mesmo que como contraponto, é, para Platão, parte de um percurso em busca do conhecimento verdadeiro (REALE; ANTISERI, 2007).





No entanto, por conta de sua corruptibilidade, Platão concebeu o corpo como lugar de expiação (REALE, 2007). Neste sentido, elaborou uma concepção do corpo como “tumba” e/ou “cárcere”, onde a alma encontra-se provisoriamente até que seja libertada através da morte. Desta forma, a condição existencial em sua dimensão “sensível” é, para Platão, uma existência corrompida que, para a essência humana, equivale a uma prisão. Viver “sensivelmente” é viver enganado, aprisionado e equivalente a uma condição de ser sepultado em vida.

Desde Sócrates que o corpo foi tratado como receptáculo da alma, contudo, em sua busca pela essência e a construção de uma teoria do conhecimento que fosse livre de enganos, Platão encontrou no corpo uma forma de “mortificação da alma” (REALE; ANISTERI, 2007). Dentro desta perspectiva, a morte, antes de qualquer fatalismo, responde a uma conquista, ou seja, a condução da essência humana ao inteligível, verdadeiro e eterno mundo das “formas”. O anúncio referente à fuga do copo Platão o fez no Fédon (PLATÃO, 2015), onde, com a morte, haveria o reencontro do espírito. Segundo Reale e Antiseri (2007),

Como se vê, os dois paradoxos possuem significado idêntico: fugir do corpo significa fugir do mal do corpo mediante a virtude e o conhecimento; fugir do mundo significa fugir do mal que o mundo representa, sempre realizando essa fuga pela virtude e pelo conhecimento; praticar a virtude e dedicar-se ao conhecimento significa tornar-se semelhante a Deus, o qual, como se afirma nas *Leis*, é “medida” de todas as coisas (REALE; ANTISER, 2007, p. 153).

Platão colocou o conceito de corpo em pleno confronto com a realidade sensível que, para ele, poderia ser tão enganosa quanto aquele. Sua proposta de libertação do homem passou em primeiro lugar pela negação sensitiva do corpo e de suas potencialidades de servir à verdade. Em um segundo momento, a negação do mundo, que na teoria platônica representa uma cópia do mundo das formas, deve ser posta em prática através de uma vida que se volte para a busca das essências presentes, somente, no mundo das formas (REALE, 2007). Segundo Sant’Anna (2006), Platão reconhecia a superioridade da alma imortal ante o corpo. Por isso:

[...] Platão vai sublinhar a existência de uma alma imortal, ou melhor, de três almas. Somente uma delas, aquela que se aloja na inteligência, usufrui da imortalidade: ela possui o movimento circular, considerado perfeito, tal qual aquele do céu e dos astros [...] o corpo e as outras duas almas, que são mortais – uma alojada no ventre e outra no



coração – não possuem o movimento circular. (SANT’ANNA, 2006, p. 9).

De acordo com Platão, a busca pela purificação da alma passa pela busca do conhecimento verdadeiro que, além de negar a realidade sensível e corruptível, proporciona ao homem uma cura moral. Para Platão, conhecer é uma forma encontrada para a cura da alma (PLATÃO, 2014; 2015). Assim, notemos que Platão estabeleceu para o corpo uma condição de existência, no máximo, intermediária, ou seja, uma condição que pode proporcionar algum conhecimento e nível de moralidade. Contudo, a vida, enquanto estiver conectada ao corpo sensível, jamais deixará de ser “imoral”, corruptível e enganosa.

Platão estabeleceu em sua análise dual que a alma e o corpo possuem naturezas constitutivas diferenciadas (PLATÃO, 2015). Enquanto a alma possui uma natureza afim a existente no mundo inteligível – por isso que a alma consegue acessar seu conteúdo e se libertar –, o corpo possui uma constituição degenerada. Já neste período podemos perceber os fundamentos da ideia de “natureza” que, quando apropriada pelo ocidente cristão, legou e fortaleceu uma série de concepções normativas e com vistas a um certo “equilíbrio”. Desse modo, este conceito (equilíbrio) identifica-se nos pensamentos de Platão (ser saudável) pertencente à harmonia da relação entre os elementos da natureza, portanto, o desequilíbrio destes fatores provocava um indivíduo doente. Pois:

[...] para Platão, a doença não é somente o resultado de um desequilíbrio entre os quatro elementos do corpo (a terra, o ar, o fogo e a água). A este desequilíbrio ele acrescenta aquele existente entre a alma imortal e o corpo. (SANT’ANNA, 2006, p. 9).

Segundo Platão, as diferenças constitutivas entre a alma e o corpo são possíveis de serem evidenciadas na sua teoria da reminiscência (SANTOS, 2012), onde, a alma, como parte eterna, já teve contato com o mundo inteligível. Por isso, podemos conhecer e, na verdade, resgatar o conhecimento que nela sempre esteve contido. O corpo, contrariamente, por conta de sua vulnerabilidade, finitude e falibilidade, não pode ser outra coisa que uma condição pontual de existência.

Platão (2010; 2014; 2015) elaborou uma visão do corpo com caráter fúnebre (tumba), limitado (difícil de alcançar conhecimento), imoral (tendencioso aos prazeres) e mortal (perecível). Nesta perspectiva, legou-o a um papel meramente instrumental e, assim, não considerou sua importância enquanto dimensão constituinte do ser, no dizer de Scheler (2008). Além disso, é entendido nos estudos do filósofo a premência de se praticar exercícios



físicos, uma vez que, o corpo não possa oferecer à alma uma boa moradia (instrumentalidade do corpo).

Todos eles eram concebidos segundo uma hierarquia: abaixo dos deuses, encontravam-se os homens e, mais abaixo, a mulher e os demais animais, estes considerados formas degradadas do homem. O corpo era definido como sendo feito de terra, água, fogo e ar, tal qual afirmavam as antigas concepções. (SANT'ANNA, 2006, p. 9)<sup>4</sup>.

O contexto histórico provavelmente influenciou Platão, afinal, ele se deparou com o processo de deterioração da polis grega (JAEGER, 2013), além disso, através do assassinato de Sócrates, percebeu que a condição humana que ele vivenciou estava conduzindo o homem a um caminho de enganos e injustiças. Desta forma, sua busca por uma existência imutável e incorruptível não se fez em vão, mas sim, como uma tentativa de regenerar a essência humana de seus próprios erros.

Por outro lado, sua filosofia, a partir da constituição do mundo cristão ocidental, passou por uma grande reformulação (REALE; ANTISERI, 2007) que, mais uma vez, reforçou o caráter destrutivo do corpo e seu papel corruptível e, agora, pecaminoso. Igualmente, além de ser a fonte de erros e de enganos, passou a condição de potencial condenação para a essência humana (alma).

### **Platão e o Cristianismo**

O fato de a filosofia platônica ter sido balizada sobre uma teoria do conhecimento que contemplou a renúncia do corpo, a precedência da alma sobre este e a existência do “demiurgo” (divindade absoluta e criadora), contribuiu fortemente para que fosse a base da teologia que se desenvolveu com o colapso da antiguidade clássica e o advento do cristianismo (REALE; ANTISERI, 2007). Muito do que foi discutido em Platão ganhou significado na discussão teológica e filosófica dos primeiros padres da Igreja Católica, cujo conjunto se caracterizou na história do pensamento filosófico como patrística.

Um dos expoentes dessa apropriação foi Santo Agostinho que em sua principal obra, “A Cidade de Deus”, exorta a respeito de uma sociabilidade terrena, humana e corruptível (a cidade história do mundo sensível), em oposição a cidade celestial, destinada a todas as pessoas que se entregaram de corpo e alma para os desígnios cristãos (AGOSTINHO, 2012).

---

<sup>4</sup> Com esta citação buscamos demonstrar o “movimento” e os “estratos” concebidos por Platão em sua análise e ascense. Para a cultura Grega Antiga, a mulher estava em um segundo plano, e por isso, seu corpo também. Por isso, antes de negar a potencial crítica a ser feita em termos de gênero, nos detivemos em salientar os elementos pertinentes a temática proposta, no entanto, sem negar os desdobramentos desta concepção sobre a condição feminina e sua agudização na Idade Média com a Teologia Cristã.





Esta mentalidade contribuiu para o fortalecimento de uma concepção de existência que, além de negar a possibilidade de plenitude moral através do corpo, passou a enfatizar uma ideia de passagem, de momentâneo, em que a vida estaria condicionada a uma jornada de remissão para a “cidade” eterna (AGOSTINHO, 2010).

Neste quadro, a existência se tornou significado de erro, de falha, onde o sujeito, para se aproximar de Deus e de sua remissão, necessitaria rever a sua existência através de um longo e profundo olhar retrospectivo de “perdão”. Essa ideia de existir para “confissões” (AGOSTINHO, 2004), como forma de abrir uma porta para os braços do criador, do Senhor Deus, onde só poderemos nos aproximar através de um caminho de purificação e perdão.

Este ponto salienta o “norte” pelo qual passou a ser tratado o corpo por quase dois mil anos, onde seu lugar na concepção cristã de mundo ganhou contornos de pecado, desvio, erro, e, resumindo, uma parede separando o homem de seu Criador. Assim, o uso do corpo como símbolo de autonomia, conhecimento, individualidade e gozo possui um longo percurso de libertação do elemento cultural de fundo religioso e moral (SANT’ANNA, 2005).

A complexidade deste tema tem se mostrado cada vez mais profunda e, ao que parece, não tem se tornado mais nítido com a modernidade – Iluminismo, Revoluções Burguesas, Movimentos Sociais –, que, a exemplo da Inglaterra, nos trouxe a liberdade e o conhecimento baseados no “corpo” como primeira propriedade (LOCKE, 1998), e logo em seguida, o pensamento de Burke, com ênfase na religião e no conservadorismo moral (BURKE, 2012).

Uma educação que valorize a dimensão corporal/biológica (SCHELER, 2008) deve ser defendida como forma de possibilitar ao educando o desenvolvimento pleno e, além disso, proporcionar uma leitura crítica dos valores que envolvem o sentido de sua educação. Nesta perspectiva, antes de qualquer negacionismo moral (BURKE, 2012), o processo educativo deve refletir as causas e dialogar com a comunidade escolar a respeito de suas necessidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise do conceito de corpo na filosofia platônica nos ajuda na compreensão de que esta categoria possui papel central no processo educativo. Sobre ela estão depositadas regras normativas, morais, jurídicas, políticas, educativas, filosóficas entre as mais evidentes. Assim, falar de corpo é abordar a humanidade de uma dimensão (SCHELER, 2008) que se encontra longe de ser simples e, muito menos, natural.

A simplória ideia de natureza baseada no corpo foi posta em xeque quando a humanidade passou a entender que esta se conectava com muitos campos da ação humana e,



por isso, passou a receber atenção por diversos motivos na história (religião, educação, moral, militarismo). Disto, podemos afirmar que a educação precisa valorizar o corpo, que pode ser empregado como instrumento de ação em diversas esferas da vida moderna. Por isso, a valorização da tomada de consciência a respeito dos preceitos normativos e morais de fundamentação cristã é de extrema importância.

Com a complexidade da existência na modernidade, com a busca por uma democracia e por uma liberdade efetiva da condição humana moderna, o corpo não pode mais ser tratado como construção acabada e finalizada por uma pretensa natureza de base cultural religiosa. Antes, deve valorizar-se um ontologia da liberdade, do cuidado de si, da saúde corporal, que valorize o diálogo entre as dimensões religiosa, natural e moral, com as dimensões política, estética e a linguagem, que podem fazer do corpo muito mais que uma simples “natureza” fatalisticamente fada ao erro.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2012.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução na França**. Rio de Janeiro: Top'books, 2012.

CARVALHO, Y. M.. Corpo e história: o corpo para os gregos, pelos gregos, na Grécia Antiga. In: SOARES, C. L.. **Corpo e História**. Campinas, São Paulo: **Autores Associados**, 2006. p. 163-174.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia 1 – Dos Pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3 – O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

JAEGER, Werner. **Paideia – a formação do homem grego**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia Vol.1 – Filosofia Pagã Antiga.** São Paulo: Paulus, 2007.

REALI, Giovanni. **Platão.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SANT'ANNA, D. B.. É Possível Realizar uma História do Corpo? In: SOARES, C. L.. **Corpo e História.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006. p. 3-24.

SANT'ANNA, D. B.. **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais.** São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SANTOS, José Trindade. **Platão: A construção do conhecimento.** São Paulo: Paulus, 2012.

SCHELER, Max. **A situação do homem no cosmo.** Lisboa: Texto e Grafia, 2008.

PLATÃO. **A República.** São Paulo Perspectiva, 2014.

\_\_\_\_\_. **Diálogos V.** São Paulo: Edipro, 2010.

\_\_\_\_\_. **Diálogos III.** São Paulo: Edipro, 2015.